

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – UNIPAMPA

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Princípios da Pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a
Educação Infantil**

TAÍS FRANCINE DAVID DE OLIVEIRA

Jaguarão – RS

2025

TAÍS FRANCINE DAVID DE OLIVEIRA

**Princípios da Pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a
Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Unipampa, Campus Jaguarão, como requisito básico para a aprovação no componente curricular TCC, sob orientação da Professora Rachel Freitas Pereira.

Jaguarão – RS

2025

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

TAÍS FRANCINE DAVID DE OLIVEIRA

**Princípios da Pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a
Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciada em Pedagogia.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:
24 de novembro de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Rachel Freitas Pereira
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof^a. Msc^a. Isadora Cabreira da Silva
(SMED Jaguarão/RS)

Prof^a. Dr^a. Patrícia dos Santos Moura
(UNIPAMPA)

SUMÁRIO

1	Introdução	4
2	Metodologia	6
3	A pedagogia montessoriana	9
3.1	Biografia e contexto de vida de Maria Montessori	9
3.2	Princípios que norteiam a Pedagogia Montessoriana	11
3.2.1	A atividade montessoriana e a aprendizagem ativa	13
3.2.2	Ludicidade pedagógica e brincadeira como ferramenta de aprendizagem	14
3.2.3	Liberdade, autonomia e papel do educador	17
3.3	A Pedagogia Montessoriana e suas contribuições para as práticas pedagógicas da Educação Infantil	19
3.3.1	Autonomia e independência	21
3.3.2	Ambiente preparado	23
3.3.3	Materiais didáticos e desenvolvimento sensorial	24
3.3.4	Papel do(a) educador(a)	25
3.3.5	Desenvolvimento integral	27
3.3.6	Motivação intrínseca	28
4	Considerações finais	30
5	Referências	32

Princípios da Pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a Educação Infantil

Taís Francine David De Oliveira¹

Rachel Freitas Pereira²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo geral identificar e compreender os princípios que norteiam a Pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a Educação, sobretudo, nas práticas pedagógicas da Educação Infantil. Os objetivos específicos foram: descrever a biografia de Maria Montessori e o contexto histórico em que desenvolveu seu pensamento; compreender os princípios que sustentam sua pedagogia; e identificar suas contribuições para a Educação, em especial para as práticas pedagógicas voltadas à Educação Infantil. Para alcançar tal propósito, foi empreendida uma pesquisa de natureza bibliográfica, qualitativa e descritiva, alicerçada em obras clássicas de Maria Montessori e na análise de estudos contemporâneos que interpretam e atualizam sua proposta. Nesse sentido, concluiu-se que a proposta, desenvolvida por Maria Montessori no início do século XX, oferece contribuições significativas para a Educação Infantil ao propor, especialmente, uma concepção de criança como sujeito ativo, além de uma inquestionável atualidade frente às demandas e os documentos normativos da Educação Infantil no Brasil. As demandas e atualidades da Educação Infantil no Brasil que se alinham à Pedagogia Montessoriana referem-se, notavelmente, à ênfase no protagonismo da criança e sua autonomia; a importância do ambiente preparado (espaços e materiais) como facilitador da aprendizagem e da exploração; a valorização do respeito aos ritmos individuais de desenvolvimento; o foco na experiência prática e sensorial; e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e da curiosidade. Tais aspectos são fortemente contemplados em documentos normativos brasileiros como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC,2017), especialmente no que tange aos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento (Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se) e aos Campos de Experiência

Palavras-chave: Maria Montessori. Princípios pedagógicos. Educação Infantil.

1. Introdução

¹ Discente do curso de Pedagogia Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Jaguarão: E-mail: Taisdavid.aluno@unipampa.edu.br

² Docente do curso de Pedagogia Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Jaguarão: E-mail: rachelpereira@unipampa.edu.br

O presente estudo tem como objetivo identificar e compreender os princípios que norteiam a pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a Educação, sobretudo, nas práticas pedagógicas da Educação Infantil. Tal objetivo deriva do grande interesse em conhecer as ideias difundidas por Maria Montessori, interesse esse que surgiu durante a experiência com a Educação Infantil, especialmente nas práticas realizadas por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa Residência Pedagógica (PRP)³. No decorrer da minha participação nesses dois Programas, tive a oportunidade de trabalhar com crianças tanto da Educação Infantil quanto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o que me instigou a aprofundar os conhecimentos a respeito da abordagem Montessoriana, em especial sobre a formação e o papel do(a) professor(a), a organização das práticas pedagógicas e as formas de interação com as crianças.

Maria Montessori, médica e educadora italiana, desenvolveu sua proposta pedagógica no início do século XX, inicialmente voltada para crianças com deficiência. A partir dessa experiência, constatou que, quando inseridas em um ambiente cuidadosamente preparado e estimulante, as crianças eram capazes de desenvolver autonomia, concentração e aprendizagem significativa. Sua proposta ganhou projeção mundial e foi posteriormente aplicada em escolas regulares, sempre fundamentada em princípios como a liberdade com responsabilidade, o respeito ao ritmo individual de cada criança, a autonomia e a preparação de um ambiente que favoreça a autoeducação (Montessori, 1965).

Essa concepção contrasta com o modelo tradicional de ensino, fortemente marcado pela memorização e pela centralidade da figura do professor como transmissor do conhecimento. Ao longo da minha trajetória escolar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, percebi o quanto esse tipo de ensino dificultava meu aprendizado, pois estava fundamentado em práticas que pouco estimulavam a reflexão crítica e a autonomia.

A proposta de Montessori também enfatiza que a criança deve ser protagonista do processo de aprendizagem. A liberdade, para ela, não significa

³PIBID participação no programa em 2018 a 2020
PRP participação no programa em 2020 a 2021

ausência de limites, mas sim a possibilidade da criança agir de forma consciente e responsável em um ambiente que estimule sua curiosidade natural. Assim, Montessori reprovava o caráter impositivo e disciplinador da educação tradicional, defendendo práticas que respeitem a individualidade da criança e incentivem sua autonomia.

No contexto da Educação Infantil brasileira, essas discussões tornam-se ainda mais relevantes, visto que os documentos normativos para a Educação Infantil, ou seja, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) ressaltam a criança como centro do planejamento e protagonista no seu processo de aprendizagem.

A BNCC estabelece como direitos de aprendizagem o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, todos eles em sintonia com os princípios montessorianos de liberdade, autonomia e protagonismo infantil. Dessa forma, investigar a pedagogia Montessoriana pode oferecer subsídios teóricos e práticos para refletir sobre uma educação de qualidade que vá além da instrução mecanizada, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados.

Neste contexto, este artigo tem como propósito identificar e compreender os princípios que norteiam a pedagogia Montessoriana e suas contribuições nas práticas pedagógicas da Educação Infantil.

Ao revisitar as obras de Maria Montessori, ele oferece um arcabouço teórico-prático essencial para a melhoria das práticas pedagógicas na Educação Infantil, contribuindo diretamente para a formação de crianças mais autônomas, concentradas e preparadas para os desafios da sociedade. Na vida acadêmica se manifesta ao sistematizar e atualizar o diálogo entre a Pedagogia Montessoriana e os documentos curriculares brasileiros vigentes (DCNEI e BNCC), estabelecendo implicações diretas para a formação inicial e continuada de professores e para futuras pesquisas que busquem modelos educacionais centrados no protagonismo infantil e na qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção é apresentada a metodologia

da pesquisa; em seguida, o desenvolvimento do estudo; e, por fim, as considerações finais.

2. Metodologia

O objetivo geral do estudo foi identificar e compreender os princípios que norteiam a pedagogia Montessoriana e suas contribuições para a Educação, sobretudo, nas práticas pedagógicas da Educação Infantil. Os objetivos específicos foram: descrever a biografia de Maria Montessori e o contexto histórico em que desenvolveu seu pensamento; compreender os princípios que sustentam sua pedagogia; e identificar suas contribuições para a Educação, em especial para as práticas pedagógicas voltadas à Educação Infantil. Para alcançar tal propósito, foi empreendida uma pesquisa de natureza bibliográfica, qualitativa e descritiva, alicerçada em obras clássicas de Maria Montessori e na análise de estudos contemporâneos que interpretam e atualizam sua proposta.

A pesquisa baseou-se em uma abordagem bibliográfica, que segundo Alyrio (2009, p. 1) “é o passo inicial na construção efetiva do processo de investigação, com a busca em livros e artigos, trazendo as contribuições dos autores para dar embasamento teórico ao trabalho”. Essa escolha metodológica se justifica porque a pedagogia Montessoriana está consolidada em obras clássicas da própria autora, além de ser objeto de contínuas revisitações por pesquisadores contemporâneos. Assim, a análise bibliográfica possibilita compreender os fundamentos originais e, ao mesmo tempo, observar como eles dialogam com as demandas atuais da Educação Infantil.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo. De acordo com Gil (2008) a pesquisa descritiva tem como propósito a caracterização de fenômenos ou populações, o que neste trabalho corresponde à descrição dos princípios metodológicos de Maria Montessori e à forma como se articulam às práticas educativas. A natureza qualitativa, por sua vez, busca interpretar significados, experiências e concepções. Melo (2001, p. 46) destaca que “a pesquisa qualitativa está na interpretação da realidade e não em sua quantificação [...] trata-se da busca por detalhes, particularidades, interpretações, sentimentos e formas individuais do pesquisado sobre determinado tema ou situação”. Desse modo, a

pesquisa qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar uma leitura crítica e interpretativa das concepções montessorianas, indo além da simples descrição de técnicas.

A seleção do material utilizado seguiu critérios de relevância acadêmica e pertinência temática. Foram priorizados artigos científicos indexados em periódicos, estudos institucionais e obras originais de Maria Montessori. Dentre eles, destaca-se o artigo “A Atualidade de Montessori: Evidências a partir da Investigação das Práticas Pedagógicas na Educação Infantil” (Nogaro, Anese & Ferrari, 2020), que analisa como os princípios da pedagogia montessoriana, como a autonomia e o ambiente preparado, ainda se mostram atuais no cotidiano escolar. Os autores enfatizam que “a criança, no método montessoriano, é compreendida como sujeito ativo de sua aprendizagem, e cabe ao educador(a) preparar o ambiente para favorecer a autoeducação” (Nogaro; Anese; Ferrari, 2020, p. 118).

Outro material utilizado foi o estudo “Maria Montessori: pensamento, metodologia e contribuições para a Educação Infantil” (Universidade do Paraná, campus Santa Cruz), que sistematiza a trajetória biográfica da educadora e evidencia a filosofia de vida presente em sua pedagogia, para além de um método de ensino. Segundo o artigo, “a proposta montessoriana valoriza a autonomia da criança, seu protagonismo e o respeito ao ritmo individual” (Universidade do paraná, s/d, p. 5)⁴.

Além dos artigos, recorreram-se a algumas obras clássicas de Maria Montessori, como “A descoberta da criança” (1965), no qual a autora apresenta as bases de sua proposta pedagógica, sustentando que “a educa o deve ser um processo natural, espontâneo, que se desenvolve no indivíduo pela experiência adquirida no ambiente preparado” (Montessori, 1965, p. 23). Já em “Educa o para um mundo novo” (1947), Montessori amplia suas reflexões, defendendo que “o maior sinal de sucesso para um professor é poder dizer às crianças agora trabalhem como se eu não existisse” (Montessori, 1947, p. 12).

A op o pela pesquisa bibliográfica e qualitativa se mostrou mais adequada ao objeto de estudo do que uma pesquisa de campo ou de natureza quantitativa. Isso porque compreender Montessori requer, antes de tudo, um mergulho em suas

⁴ <https://share.google/9pLMnlZQaoNpykgLF>

fontes primárias, seus livros e em estudos que interpretam sua prática em diferentes contextos. O método montessoriano, apesar de amplamente difundido, ainda sofre reduções conceituais quando tratado apenas como um conjunto de materiais didáticos, desconsiderando sua dimensão filosófica e antropológica. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica permite resgatar sua complexidade original.

Por outro lado, embora uma pesquisa empírica em escolas montessorianas pudesse enriquecer a análise, não seria suficiente sem a fundamentação teórica que esclarece os princípios e valores que sustentam as práticas. Assim, a pesquisa qualitativa e descritiva aplicada a documentos e obras escritas foi a escolha mais pertinente, pois possibilita tanto compreender o pensamento de Montessori em sua historicidade quanto analisar sua atualidade frente às demandas da Educação Infantil no Brasil.

Portanto, a metodologia adotada garantiu rigor acadêmico ao articular obras referenciais de Montessori, estudos contemporâneos e uma abordagem crítica e interpretativa, possibilitando identificar e discutir de maneira consistente os princípios de sua pedagogia e suas contribuições para as práticas pedagógicas na Educação Infantil.

3. A pedagogia montessoriana

3.1 Biografia e contexto de vida de Maria Montessori

Maria Montessori nasceu em 31 de agosto de 1870, em Chiaravalle, na Itália, em um período marcado por profundas transformações sociais, políticas e científicas. O final do século XIX foi um momento de avanços no campo da medicina, da psicologia e da pedagogia, áreas que influenciaram diretamente a construção do pensamento montessoriano (Kramer, 2003). Filha de uma família tradicional, Montessori enfrentou barreiras culturais e sociais por desejar estudar em áreas dominadas por homens, tornando-se, em 1896, uma das primeiras mulheres a se formar em Medicina na Itália. Como sua atuação médica era restrita e não podia examinar corpos masculinos, tornou-se médica e atuou na área de psiquiatria.

Seu contato inicial com crianças com deficiência intelectual foi determinante para o desenvolvimento de sua pedagogia. Trabalhando no Instituto Psiquiátrico de Roma, Montessori percebeu as condições desumanas em que as crianças atípicas eram tratadas, em conjunto com um colega e seu professor trabalharam para inverter essas condições, mais do que um tratamento clínico, essas crianças necessitavam de estímulos pedagógicos adequados.

A proposta por Montessori foi tão bem-sucedida que havia crianças que aprenderam para além das crianças que não possuíam nenhuma dificuldade cognitiva. Inspirada por pensadores como Itard e Séguin, começou a criar materiais didáticos que valorizavam a manipulação, a sensorialidade e a autonomia, elementos que se tornaram fundamentais em seu método (Montessori, 1965).

Durante sua trajetória pessoal, Maria Montessori viveu um relacionamento com o médico Giuseppe Montesano, seu colega de trabalho no Hospital Psiquiátrico de Roma. Dessa relação nasceu seu filho, Mario Montessori, em 1898. No contexto moral e social da época, uma mulher solteira com filho enfrentava forte estigma, o que levou a família de Maria a tomar medidas para preservar sua reputação profissional. Assim, Mario foi criado por parentes no campo, enquanto sua mãe o visitava periodicamente. Somente após o falecimento da mãe de Maria, em 1912, ela pôde reunir-se definitivamente com o filho, que mais tarde se tornaria seu principal colaborador na difusão do método Montessori pelo mundo (Standing, 1998; Kramer, 1976).



Figura: Mario Montessori e Maria Montessori
Fonte: Arquivos da internet

Em 1907, Montessori inaugurou a primeira Casa dei Bambini (Casa das Crianças), em um bairro operário de Roma. Esse espaço, pensado para atender crianças em situação de vulnerabilidade, para evitar tornou-se o laboratório onde a pedagoga pôde aplicar seus princípios, baseados no respeito ao ritmo individual, na autonomia e na liberdade com responsabilidade (LOPES; SILVA, 2019).



Figura: casa de Bambini
Fonte: Arquivos da internet

O método Montessori, surgido nesse contexto, se consolidou como uma proposta inovadora de educação, que rompeu com a pedagogia tradicional da época. Ao contrário do ensino rígido e centralizado no professor, Montessori defendia que a criança é a protagonista do seu aprendizado, cabendo ao adulto criar um ambiente preparado que favoreça o desenvolvimento natural das potencialidades infantis (MONTESSORI, 2017).

3.2 Princípios que norteiam a Pedagogia Montessoriana

Entre os aspectos centrais de sua proposta destacam-se suas publicações mais importantes para o campo da educação infantil:

1. *A Descoberta da Criança*(1950): Neste livro Montessori apresenta os fundamentos de seu método. Enfatiza a observação da criança e o papel do ambiente preparado para o desenvolvimento natural e autônomo. Destaca a importância de respeitar o ritmo individual da criança e promover sua independência.

2. *A Mente Absorvente*(1949): Neste livro Montessori foca na capacidade das crianças pequenas de absorverem conhecimento do ambiente, o livro revela como os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento psicológico, com ênfase na importância de estímulos adequados para uma aprendizagem eficaz.

3. *O Segredo da Infância*(1936): Ela explora as fases do desenvolvimento humano durante a infância, as necessidades básicas da criança e como a educação deve apoiar o desenvolvimento integral, respeitando as fases naturais e suas características.

4. *A Educação do Potencial Humano*(1948): Ela aborda como a educação pode desbloquear o potencial inato da criança, promovendo o crescimento intelectual, social por meio de ambientes e atividades que despertam o interesse e a curiosidade.

5. *Da Infância à Adolescência*(2006): Neste livro ela reflete sobre as transições do desenvolvimento da criança para o adolescente, orientando práticas educativas que considerem os desafios e mudanças dessa fase para um desenvolvimento equilibrado.

Montessori descreveu o desenvolvimento humano em quatro planos, dos 0 aos 24 anos, caracterizados por mudanças cognitivas, sociais e emocionais. Essa visão integral rompe com a ideia de que a educação se limita à infância, ampliando-a para a formação da vida adulta, com o conceito de “educação cósmica” , apresentando o mundo de forma concreta e explorável: natureza, povos, tempo, espaço, ciência e arte. Montessori chama essa área de Educação Cósmica, onde a criança descobre seu lugar no universo. que integra o indivíduo ao universo e à sociedade.

Seus estudos e práticas a tornaram uma referência mundial, difundida em diferentes países e contextos culturais. Até hoje, o método Montessori é desenvolvido em escolas públicas e privadas, permanecendo atual por defender princípios como autonomia, liberdade responsável, valorização das diferenças individuais e respeito ao desenvolvimento natural da criança.

Maria Montessori compreendeu que a educação necessitava de uma perspectiva inovadora em vez de partir do pressuposto de que os adultos moldam a personalidade da criança, Montessori propôs que as crianças constroem a sociedade futura, sendo protagonistas de seu desenvolvimento e não meras espectadoras do mundo (Montessori, 1965; Kramer, 2003).

Dentro dessa perspectiva, o adulto assume o papel de guia ou mentor(a), oferecendo liberdade responsável e recursos que possibilitem à criança explorar, experimentar e refletir. O educador(a), portanto, deve organizar ambientes preparados, com materiais pedagógicos pensados para incentivar a criatividade, o raciocínio e a interação social (Montessori, 1965; Oliveira et al., 2015). Segundo Montessori: “A atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade da mestra” (Montessori, 1965, p.97).

3.2.1 A atividade montessoriana e a aprendizagem ativa

Cada material do método Montessori é projetado para corresponder aos interesses naturais da criança, permitindo que o aprendizado ocorra no ritmo individual de cada uma. Um exemplo clássico é o Material Dourado, constituído por barras, placas e cubos que auxiliam a compreensão prática de conceitos matemáticos, como operações fundamentais, frações, volume e relações numéricas, transformando abstrações em experiências concretas (Montessori, 1965; Faria et al., 2012).

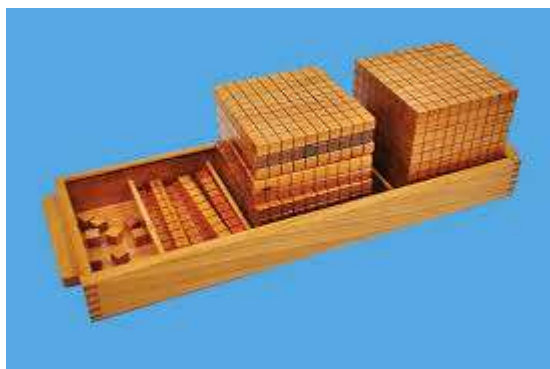


Figura: Matérias Dourado

Fonte: Arquivos da internet

Montessori enfatiza que a aprendizagem deve ocorrer por experiência própria, com o(a) educador(a) atuando como mediador(a) que observa, apresenta

materiais e intervém apenas quando necessário. Esse enfoque pedagógico privilegia, o pensamento crítico e a autoafirmação da criança, preparando-a para o aprendizado ao longo da vida.

A aprendizagem ativa consiste em um processo em que a criança se envolve diretamente com o ambiente, manipulando materiais, explorando situações reais e escolhendo suas atividades dentro de um ambiente preparado. Essa abordagem "aprender fazendo" estimula a curiosidade natural, a autonomia e o pensamento crítico.



Figura: Matérias Montessori
Fonte: Arquivos da internet

Maria Montessori afirmava que "ajude-me a fazer sozinho", respeitando o ritmo individual e incentivando a independência no processo de aprendizagem. Segundo Montessori, "o trabalho da criança é brincar", e esse brincar com propósito é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

O ambiente deve ser cuidadosamente planejado para ser acessível, seguro e estimulante, contendo materiais pedagógicos específicos que despertam diversos sentidos. O(a) educador(a) observa atentamente a criança para compreender suas necessidades, intervindo apenas quando necessário para orientar e ampliar as possibilidades de descoberta.

Estudos mostram que esse ambiente diferenciado promove o desenvolvimento das necessidades individuais da criança, aguçando seu interesse

e curiosidade pelo aprendizado, em contraste com modelos tradicionais que não favorecem o desenvolvimento pleno conforme as peculiaridades do(a) aluno(a).

Assim, a aprendizagem ativa por meio de atividades montessorianas oferece benefícios diversos, como: Desenvolvimento da autonomia e da autodisciplina; Estímulo à criatividade e à capacidade de resolver problemas; Melhoria da coordenação motora fina e grossa; Formação de habilidades sociais e emocionais alinhadas com o respeito mútuo.

3.2.2 Ludicidade pedagógica e brincadeira como ferramenta de aprendizagem

A ludicidade, a capacidade de brincar e explorar, transcende a mera recreação no contexto educativo. No método Montessori, ela se eleva a um instrumento pedagógico fundamental, permeando todo o processo de aprendizagem. Esta abordagem se distancia das práticas tradicionais que, por vezes, relegam o brincar a um momento de lazer, ao reconhecer o poder intrínseco da brincadeira na construção do conhecimento e no desenvolvimento integral da criança.

A teoria de Jean Piaget (1896 a 1980), sua trajetória ocorreu em um momento em que o ensino tradicional, centrado na repetição e na transmissão de informações pelo professor, era a norma. Piaget revolucionou essa visão ao propor que o conhecimento é construído ativamente pelo aluno através da interação com o mundo, e não de forma passiva. com seu foco no jogo como um estágio essencial para o desenvolvimento cognitivo, ressoa com a visão de Montessori. Piaget (1976) demonstra como a criança, através do jogo, assimila e acomoda informações, construindo suas estruturas de pensamento. Este trabalho explora como a imaginação, a exploração e a interação social, elementos-chave da ludicidade, e são cuidadosamente cultivados também no ambiente Montessori, permitindo que as crianças construam suas próprias teorias sobre o mundo, negociando ativamente entre a realidade e a fantasia (Faria et al., 2012).

Ao mesmo tempo, as contribuições de Lev Vygotsky(1896 a 1934) para a educação foi moldado pela Revolução Russa de 1917 e pela efervescência intelectual e social do período. Sua obra, influenciada pelo marxismo e pelo materialismo histórico, valorizava o papel do indivíduo dentro da sociedade e da

cultura. As suas ideias, que enfatizam o caráter social da aprendizagem, foram desenvolvidas em um período de intensa transformação, com sua ênfase na importância do ambiente social e cultural para a aprendizagem, complementam a perspectiva Montessori. Vygotsky (1978) enfatiza como a brincadeira oferece oportunidades para as crianças internalizarem normas sociais e desenvolverem habilidades de colaboração e cooperação.

Nesse sentido, o Ambiente Montessori como palco da ludicidade, como um "ambiente preparado" (Montessori, 1965), é rico em materiais cuidadosamente projetados, que convidam a criança a explorar e a aprender por meio dos sentidos. Esses materiais, como os sólidos geométricos, as torres rosa e marrom, e os materiais para as atividades de vida prática (transvasar, amarrar, abotoar), os quais são propositadamente lúdicos, incentivando a manipulação, a experimentação e a descoberta.



Figura: Ambiente preparado

Fonte: Arquivos da internet

A criança é livre para escolher os materiais que a fascinam, seguindo seus próprios interesses e ritmos individuais. A abordagem de Friedrich Fröbel(1782 a 1852) ocorreu no início do século XIX, um período de reformas sociais na Alemanha e de crescente reconhecimento da importância da infância como fase crucial de desenvolvimento. Ele revolucionou o ensino ao fundar o primeiro jardim de infância em 1837, baseando-se nas ideias de que a brincadeira é essencial para o aprendizado e que a criança é como uma "planta" que precisa de cuidado para florescer. Sua abordagem, que se afastava da educação rígida da época, influenciou

gerações de educadores, com seus "dons" e a valorização do brincar como forma de auto expressão, encontra eco neste ambiente, pois Fröbel (1826) também acreditava que os materiais de brincar deveriam ser cuidadosamente escolhidos para promover a criatividade e a exploração.

Em consonância com a teoria dos períodos sensíveis de Montessori, o ambiente é preparado para atender às necessidades específicas de cada fase do desenvolvimento infantil. Os materiais são adaptados para cada período, oferecendo desafios adequados e oportunidades de crescimento (Duarte, 2014).

A liberdade de escolha e o tempo livre são essenciais para a ludicidade. As crianças têm a liberdade de escolher as atividades que desejam realizar e o tempo que desejam dedicar a elas. Esse ambiente de liberdade, em contrapartida, não é sinônimo de ausência de limites, mas sim de um ambiente estruturado onde a criança pode desenvolver a sua autonomia e responsabilidade.

Portanto, através da brincadeira, as crianças exploram o mundo ao seu redor, fazendo perguntas e buscando respostas. Elas constroem suas próprias teorias sobre o funcionamento das coisas, experimentando e testando hipóteses. Essa abordagem ativa da aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de resolução de problemas. A pedagogia de John Dewey, com sua ênfase na aprendizagem por experiência e na conexão entre a escola e a vida, se alinha também a essa ideia. Dewey (1938) argumenta que a aprendizagem deve ser prática e relevante para a vida da criança.

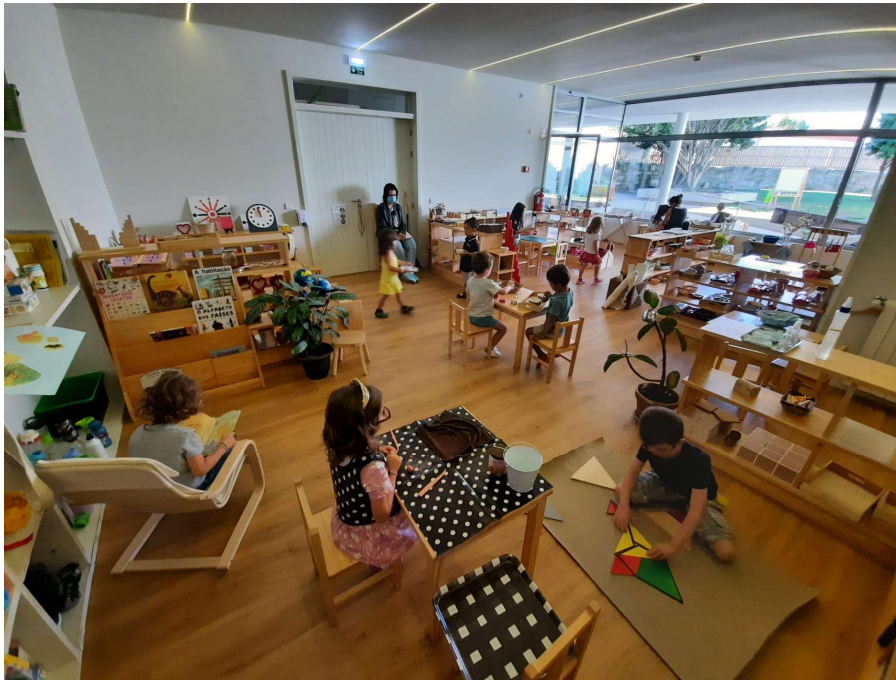


Figura: Ambiente preparado, espaço para explorar

Fonte: Arquivos da internet

A ludicidade estimula a imaginação e a criatividade. As crianças utilizam a brincadeira para criar seus próprios mundos, inventar histórias e personagens. Essa capacidade de imaginar e criar é essencial para a inovação e para a adaptação a novas situações (Faria et al., 2012).

A aprendizagem no método Montessori é profundamente enraizada na experiência sensorial. A criança aprende por meio da manipulação, da ação e da experimentação. A conexão entre a teoria e a experiência prática facilita a compreensão e a memorização. (Oliveira et al., 2015)

Desse modo, o ambiente proposto por Montessori promove a interação social e a cooperação. As crianças aprendem a compartilhar, a colaborar e a respeitar as diferenças. A troca de ideias e a ajuda mútua são incentivadas, criando um ambiente de aprendizagem enriquecedor. A brincadeira em grupo e as atividades colaborativas ajudam as crianças a desenvolver habilidades sociais essenciais, como a comunicação, a negociação e a resolução de conflitos. Essas habilidades são fundamentais para o sucesso na vida pessoal e profissional. O ambiente Montessori cultiva o respeito mútuo entre as crianças e os adultos. O respeito pela

individualidade e pelo ritmo de cada criança, ao mesmo tempo em que promove a autonomia e a responsabilidade, são elementos cruciais para a construção de um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor.

No método Montessori, a ludicidade não é apenas um complemento, mas sim a essência do processo de aprendizagem. Ao proporcionar um ambiente estimulante, com materiais adequados, tempo livre e oportunidades de interação social, o método Montessori permite que as crianças se tornem autoras de suas próprias histórias e educação. Através da brincadeira, da exploração e da experimentação, elas constroem o conhecimento, desenvolvem habilidades essenciais e aprendem a amar o aprendizado. A ludicidade no método Montessori, portanto, é um caminho para o desenvolvimento integral da criança, preparando-a para a vida e para o mundo.

3.2.3 Liberdade, autonomia e papel do(a) educador(a)

A visão de Maria Montessori, expressa em seus escritos, reflete a filosofia de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) enfatizou a necessidade de uma educação que respeite as fases de desenvolvimento da criança (sensibilidade, força, razão) e que seja individualizada, permitindo que o aluno se torne independente. Em vez de depender de livros e lições teóricas na infância, Rousseau defendia o aprendizado por meio da experiência direta com o mundo natural, utilizando a brincadeira e os esportes como formas de aprendizado sobre a liberdade natural da criança. Rousseau (1762), em *Emílio*, argumenta que a educação deve seguir os interesses naturais da criança, permitindo que ela se desenvolva livremente. Diferentemente de modelos educacionais tradicionais que impõem estruturas rígidas e passivas, Montessori propõe um ambiente onde a criança é a protagonista de sua própria aprendizagem, escolhendo atividades, explorando materiais e construindo seu conhecimento de forma ativa e engajada. Este trabalho explora a importância da liberdade educativa, a promoção da autonomia e o papel transformador do educador nesse contexto (Montessori, 1965; Kramer, 2003). As ideias de Paulo Freire, com sua pedagogia da libertação, também ressoam com a abordagem Montessori. Freire

(1970) defende uma educação que empodera os estudantes e os torna agentes de sua própria transformação.

Para Montessori, a liberdade não é sinônimo de ausência de regras, mas sim de um ambiente cuidadosamente preparado, onde a criança pode exercer sua independência dentro de limites bem definidos. As regras do ambiente Montessori são estabelecidas para garantir o respeito mútuo, a segurança e a organização, criando um espaço onde a liberdade possa florescer de forma responsável. A criança tem a liberdade de escolher as atividades que a interessam e o tempo que deseja dedicar a elas. Essa liberdade de escolha promove a autodireção e o senso de responsabilidade, pois a criança aprende a tomar decisões e a lidar com as consequências de suas escolhas.

O método Montessori reconhece que cada criança aprende em seu próprio ritmo. A liberdade permite que a criança avance no seu próprio tempo, sem a pressão de um currículo rígido. Assim a criança não se sente frustrada por não acompanhar o ritmo dos outros.

Ao ter a liberdade de escolher e a oportunidade de tomar decisões, a criança desenvolve um forte senso de autoafirmação e autoconfiança. Ela aprende a acreditar em suas capacidades e a confiar em suas próprias habilidades.

A liberdade promove o desenvolvimento da vontade. A criança aprende a persistir em suas tarefas, a superar desafios e a buscar soluções para seus problemas. Ela se torna um indivíduo com iniciativa e determinação. A autonomia incentiva a aprendizagem ativa. A criança não é um receptor passivo de informações, mas sim um participante ativo na construção do conhecimento. Ela explora, experimenta, questiona e descobre por si mesma.

O(a) educador(a) é responsável por preparar o ambiente Montessori, selecionando e organizando os materiais, criando um espaço convidativo e estimulante. Ele(a) se certifica de que os materiais estejam acessíveis, bem conservados e adequados às necessidades de cada criança. O(a) educador(a) Montessori oferece suporte afetivo e respeito às crianças. As encoraja, as motiva e as ajuda a superar seus desafios. Ele(a) valoriza a individualidade de cada criança, reconhecendo suas forças e fragilidades. Demonstra respeito, paciência,

organização e responsabilidade. Inspira as crianças a se tornarem indivíduos autônomos e engajados.

O método Montessori valoriza experiências sensoriais ricas e variadas. Materiais como as letras de lixa, os sólidos geométricos e os cilindros de encaixe permitindo que a criança explore formas, cores, texturas e tamanhos, estimulando a percepção sensorial e a compreensão do mundo.



Figura: Explorar materiais diversos da vida cotidiana

Fonte: Arquivos da internet

No ambiente Montessori, a socialização ocorre de forma espontânea e natural, respeitando a individualidade de cada criança. As atividades em grupo e a colaboração entre as crianças mais velhas e as mais novas promovem o respeito mútuo, a cooperação e o desenvolvimento de habilidades sociais. Ao promover a liberdade, a autonomia e a interação social, o método Montessori contribui para a formação de cidadãos criativos, engajados e capazes de tomar decisões responsáveis (Montessori, 1965; Faria et al., 2012; Duarte, 2014; Oliveira et al., 2015).



Figura: conexões sociais e senso de coletividade

Fonte: Arquivos da internet

Ao proporcionar um ambiente onde a criança é livre para escolher, explorar e aprender, o método Montessori capacita as crianças a se tornarem indivíduos autônomos, confiantes e responsáveis. O(a) educador(a), por sua vez, atua como um guia atento, que observa, orienta e oferece suporte, permitindo que a criança trilhe seu próprio caminho de desenvolvimento.

A educação montessoriana, portanto, é um modelo pedagógico que valoriza a individualidade, a liberdade e a responsabilidade, preparando as crianças para a vida e para um futuro promissor.

3.3 A pedagogia montessoriana e suas contribuições para as práticas pedagógicas da Educação Infantil

A Pedagogia Montessoriana, desenvolvida por Maria Montessori no início do século XX, oferece contribuições significativas para a Educação Infantil ao propor uma concepção de criança como sujeito ativo, capaz de construir seu próprio conhecimento por meio da exploração, da autonomia e da interação com o ambiente. No livro *Pedagogias da Infância* (2011), destaca-se que o método Montessori valoriza o protagonismo da criança, compreendendo-a como um ser dotado de potencialidades que precisam ser estimuladas em ambientes cuidadosamente preparados.

Uma das principais contribuições dessa pedagogia é a organização do ambiente preparado, que possibilita à criança vivenciar experiências educativas de forma autônoma. Segundo Montessori (1967, p.46), “a educação deve organizar o ambiente, oferecendo meios para que a criança desenvolva suas potencialidades, sem a imposição de um ritmo exterior”. Assim, os espaços físicos não são neutros: tornam-se recursos pedagógicos que favorecem a liberdade com responsabilidade, permitindo que cada criança construa sua trajetória de aprendizagem.

Outro aspecto fundamental refere-se ao uso de materiais didáticos específicos, criados para estimular os sentidos e promover a aprendizagem concreta de conceitos abstratos. Esses materiais favorecem o desenvolvimento cognitivo e o pensamento crítico, aspectos também reconhecidos pela BNCC (2017), ao defender a importância de experiências que estimulem a investigação, a criatividade e a resolução de problemas desde a primeira infância.

A pedagogia montessoriana também se mostra relevante na promoção da independência, elementos centrais no processo de constituição da identidade infantil. Kramer (2003, p.91) reforça essa perspectiva ao afirmar que “educar na infância não é apenas transmitir conhecimentos, mas criar condições para que a criança se constitua como sujeito histórico, cultural e de direitos”. Nesse sentido, as práticas pedagógicas inspiradas em Montessori colaboram para a formação de crianças mais confiantes e capazes de tomar decisões.

Além disso, o método contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que os ambientes colaborativos favorecem o respeito mútuo, a empatia e a cooperação entre os pares. Essa concepção vai ao encontro da ideia de Paulo Freire (1996, p.52), para quem “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção”. Assim, o(a) professor(a) não ocupa o papel centralizador, mas atua como mediador(a), observador(a) e guia, ajustando sua intervenção de acordo com as necessidades individuais e coletivas.

Por fim, cabe destacar que a pedagogia montessoriana contribui para uma prática pedagógica voltada à motivação intrínseca. Ao permitir que as crianças escolham atividades de acordo com seus interesses, o método desperta maior engajamento e prazer no processo de aprendizagem, aspecto que dialoga com o

princípio defendido por Malaguzzi, da abordagem Reggio Emilia, ao afirmar que “nada sem alegria” deve marcar as experiências da infância. Dessa forma, é possível afirmar que a Pedagogia Montessoriana, ao articular ambiente, materiais, autonomia e papel do educador, oferece bases sólidas para práticas pedagógicas inovadoras e humanizadoras na Educação Infantil, reafirmando o direito das crianças a aprender de maneira significativa e ativa.



Figura: conexões sociais e senso de coletividade, espaço para explorar interesses

Fonte: Arquivos da internet

3.3.1 Autonomia e independência

Um dos maiores legados de Montessori para a Educação Infantil está na ênfase à autonomia da criança. Como destaca Lillard (2017, p. 27), “o método Montessori cultiva a independência desde cedo, ao dar às crianças a liberdade de escolher atividades significativas em um ambiente cuidadosamente preparado”. Essa contribuição reflete-se nas práticas pedagógicas que hoje buscam superar a visão da criança como mero receptáculo de conhecimento, promovendo sua participação ativa e consciente.

Montessori (1967) defendia que a verdadeira educação nasce do movimento livre da criança em um ambiente que estimula sua curiosidade e responsabilidade por suas próprias ações. Nesse sentido, a função é preparar o ambiente, observar

e intervir apenas quando necessário, favorecendo a construção da autoeducação. Essa perspectiva rompe com a pedagogia tradicional e coloca o aprendiz no centro do processo educativo.

De modo convergente, Piaget (1976) afirma que o conhecimento é construído a partir da ação do sujeito sobre o meio, sendo a autonomia um dos pilares do desenvolvimento moral e cognitivo. Para ele, a criança torna-se autônoma à medida que participa ativamente das situações de aprendizagem, exercitando a tomada de decisão e o pensamento crítico. Assim como em Montessori, a liberdade responsável é elemento essencial do processo educativo.

Na mesma direção, Vygotsky (1991) complementa ao ressaltar a importância das interações sociais para o desenvolvimento da independência intelectual. A autonomia, nessa perspectiva sociocultural, não significa agir isoladamente, mas aprender a pensar com o outro, internalizando práticas culturais que promovam a autorregulação e a consciência crítica.

Já Paulo Freire (1996, p. 52) reforça que educar é um ato de liberdade, e não de dominação. Ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Freire aproxima-se da visão montessoriana, destacando a necessidade de formar sujeitos capazes de pensar por si mesmos e agir de modo transformador na realidade em que vivem. Outro autor que dialoga com essa concepção é Malaguzzi (1999), fundador da abordagem de Reggio Emilia, que entende a criança como um ser potente, criativo e capaz de construir saberes a partir da exploração e da cooperação. Para ele, a autonomia floresce em ambientes onde há escuta, diálogo e respeito às múltiplas linguagens infantis.

Dessa forma, a proposta montessoriana de autonomia e independência transcende o simples “fazer sozinho”; trata-se de formar sujeitos críticos, responsáveis e conscientes de seu papel no mundo. A criança autônoma é aquela que aprende a escolher, a se relacionar e a compreender que sua liberdade está vinculada ao respeito pelo outro e ao coletivo, um princípio compartilhado por diversas correntes pedagógicas humanistas.

3.3.2 Ambiente preparado

Outro aspecto fundamental é a concepção de ambiente educativo. Para Montessori (1967, p. 56), “a educação deve organizar o ambiente de modo a oferecer meios para que a criança desenvolva suas potencialidades, sem imposições externas”. Nessa perspectiva, o espaço escolar não é neutro, mas um elemento pedagógico que incentiva a exploração, a curiosidade e a liberdade com responsabilidade.

Edwards, Gandini e Forman (1999) reforçam que tanto Montessori quanto Malaguzzi, da abordagem de Reggio Emilia, compreenderam o ambiente como “o terceiro educador”, sublinhando sua importância no processo formativo. Segundo Malaguzzi (1999), os espaços de aprendizagem devem ser flexíveis, estimulantes e ricos em recursos, permitindo à criança expressar múltiplas linguagens e construir saberes de forma autônoma e criativa.

De modo convergente, Piaget (1976) entende que o ambiente atua como mediador do desenvolvimento cognitivo, pois é nele que a criança realiza experiências, testa hipóteses e desenvolve o pensamento lógico. Já Vygotsky (1991) enfatiza que os espaços de aprendizagem são também contextos sociais e culturais, nos quais as interações com pares e educadores favorecem a internalização de práticas culturais e o desenvolvimento da autonomia.

Freire (1996) complementa essa perspectiva ao afirmar que o ambiente educativo deve propiciar condições para a produção do conhecimento, em vez de apenas transmitir informações. Assim, o espaço escolar não é apenas físico, mas um ambiente social, emocional e cultural que potencializa a participação ativa da criança e a construção de sua identidade.

Portanto, o conceito de ambiente preparado, conforme defendido por Montessori, Malaguzzi, Piaget, Vygotsky e Freire, evidencia que a organização do espaço pedagógico é central para promover autonomia, curiosidade, responsabilidade e aprendizagem significativa, configurando-se como um componente essencial da prática educativa contemporânea.



Figura: Ambiente preparado

Fonte: Arquivos da internet

3.3.3 Materiais didáticos e desenvolvimento sensorial

A criação dos materiais específicos por Montessori representa uma contribuição fundamental para a Educação Infantil. Esses materiais, cuidadosamente projetados, foram pensados para estimular o desenvolvimento sensorial e auxiliar a compreensão de conceitos abstratos por meio da manipulação concreta e da experiência direta. A importância do desenvolvimento sensorial, como base para a construção do conhecimento, é ressaltada por Montessori em suas obras (1965), que enfatiza a necessidade de um ambiente rico em estímulos sensoriais para o desenvolvimento da criança.

De acordo com Standing (1998, p. 102), “os materiais montessorianos são ferramentas científicas, concebidas para revelar à criança a ordem do mundo e possibilitar o pensamento lógico e crítico”. Tais recursos ampliaram a visão de que a aprendizagem não se restringe ao verbal, mas envolve corpo, sentidos e experiências práticas.

A ênfase nos materiais concretos e na manipulação como forma de aprendizagem encontra ressonância nas teorias de Jean Piaget. Piaget (1976), em seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo, demonstra como as crianças constroem o conhecimento através da interação com o ambiente, em estágios sucessivos. Os materiais Montessori, ao permitirem a exploração sensorial e a manipulação, oferecem oportunidades para que a criança avance em seus esquemas mentais, construindo estruturas cognitivas cada vez mais complexas.

Para Piaget (1976, p. 30), "a inteligência é, essencialmente, adaptação". Os materiais Montessori permitem essa adaptação, uma vez que proporcionam à criança experiências concretas que a ajudam a construir o conhecimento.

A abordagem Montessori também se alinha com as ideias de Lev Vygotsky (1978) sobre o papel da interação social e da cultura no desenvolvimento. Embora Vygotsky não tenha se dedicado especificamente ao estudo dos materiais educativos, sua teoria sociointeracionista enfatiza a importância do ambiente e das ferramentas culturais na mediação da aprendizagem. Os materiais Montessori, ao serem utilizados em um ambiente social colaborativo, tornam-se ferramentas culturais que facilitam a aprendizagem e promovem a interação entre as crianças. Vygotsky (1978, p. 57) afirma que "o desenvolvimento humano ocorre em um contexto social e cultural, e é mediado por ferramentas e signos". Os materiais Montessori, nesse sentido, funcionam como essas ferramentas, proporcionando um ambiente de aprendizagem rico e estimulante. Ao utilizar os materiais, as crianças interagem com o mundo e com seus pares, compartilhando experiências e construindo o conhecimento de forma colaborativa.



Figura: Matérias Montessori

Fonte: Arquivos da internet

Os materiais Montessori, como as torres rosa e marrom, os cilindros com encaixe, as letras de lixa e os sólidos geométricos, são exemplos de recursos que estimulam os sentidos, promovem a exploração e facilitam a compreensão de conceitos abstratos, como tamanho, forma, cor e textura. Ao manipular esses materiais, as crianças desenvolvem habilidades de observação, comparação,

classificação e raciocínio lógico. Essa manipulação concreta prepara o caminho para a abstração, conforme a criança avança em seu desenvolvimento cognitivo.



Figura: Matérias Montessori

Fonte: Arquivos da internet

A combinação entre materiais concretos, experiência sensorial e ambiente preparado, presente na pedagogia Montessori, oferece um caminho efetivo para o desenvolvimento infantil. Ao proporcionar um ambiente rico em estímulos, a pedagogia Montessori não apenas facilita a construção do conhecimento, mas também promove a autonomia, a confiança e a capacidade de aprender ao longo da vida.



Figura: Espaço destinado a organização do material

Fonte: Arquivos da internet

3.3.4 Papel do(a) educador(a)

A redefinição do papel do(a) educador(a) é, sem dúvida, uma das contribuições mais decisivas da pedagogia Montessori. O(a) professor(a) assume a função de um(a) observador(a) atento(a), um(a) guia(a) discreto(a), que acompanha o desenvolvimento da criança com profundo respeito e sensibilidade científica. O(a) educador(a) montessori abandona a posição de figura central e detentora exclusiva do conhecimento, característica do modelo tradicional de ensino. Em seu lugar, assume uma postura de servidor da alma da criança. Montessori (1989), ao abordar essa transformação, é categórica ao afirmar que: "O(a) professor(a) deve ser apenas um guia, cuja principal tarefa é observar silenciosamente e intervir somente quando necessário" (Montessori, 1989, p. 119).

Essa observação científica e silenciosa tem o objetivo de compreender as necessidades e os estágios de desenvolvimento de cada criança, permitindo que a intervenção do adulto seja precisa e oportuna, mas jamais impositiva. A intervenção ocorre para apresentar um material, mostrar o uso correto ou reconduzir a criança ao trabalho, mas sempre respeitando o ritmo e a concentração.

Essa perspectiva de mediação e não de transmissão encontra um profundo eco nas reflexões do educador brasileiro Paulo Freire (1996), para quem a educação é um ato de libertação e não de domesticação. Freire critica a "educação bancária", na qual o(a) professor(a) deposita conteúdos no aluno. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 25).

O(a) professor(a) Montessori, assim como o(a) educador(a) freireano, se coloca como um(a) mediador(a) que facilita o processo de construção do conhecimento pela criança. Não é o transmissor de informações, mas aquele que oferece as ferramentas e as condições para que o aprendizado se manifeste. Acompanha o processo individual de cada criança, oferecendo apoio e orientação individualizada, e respeitando os seus ritmos e interesses intrínsecos.

Além disso, o(a) professor(a) montessori também se assemelha à figura do "arquiteto do ambiente educativo", termo frequentemente associado à abordagem de Reggio Emilia. O(a) professor(a) de Montessori preparam meticulosamente o

ambiente, que deve ser belo, ordenado e acessível (o chamado "ambiente preparado"), organiza os materiais (didáticos e de vida prática)⁵ Materiais didáticos: São materiais criados especificamente para desenvolver habilidades cognitivas, como percepção sensorial, linguagem, matemática, lógica e pré-escrita. Eles são cientificamente estruturados por Montessori, com controle de erro incorporado, progressão lógica e propósito pedagógico claro. Ajudar a criança a construir a mente ordem, concentração, abstração e conhecimento formal. Exemplos; Torre Rosa (percepção visual de tamanho); Barras Vermelhas e Azuis (base para compreensão de números); Letras de lixa (pré-leitura)



Figura: Torre Rosa (percepção visual de tamanho); Barras Vermelhas e Azuis (base para compreensão de números);

Fonte: Arquivos da internet

Os Materiais de vida prática são atividades baseadas em tarefas reais do cotidiano, com objetos reais e proporcionais ao tamanho da criança. Servem para desenvolver autonomia, coordenação, independência, cuidado consigo, com o outro e com o ambiente. Ajudar a criança a construir a vontade e a personalidade, autocontrole, ordem interna, independência e responsabilidade. Exemplos: Despejar água, esponjar mesa; Vestir/despir, amarrar cordões; Regar planta; Transferir objetos com colher, pinça, jarros.



Figura: Despejar água, amarrar cordões

Fonte: Arquivos da internet

Eles oferecem as condições para que a criança possa explorar, interagir e aprender de forma autônoma. Conforme a teoria montessoriana, o ambiente é o primeiro professor. O papel do educador é, portanto, multifacetado, combinando: Observação científica e escuta atenta; Orientação individualizada e discreta; E, organização e manutenção do ambiente preparado. Tudo isso é realizado com o foco inegociável no desenvolvimento integral e na manifestação da "criança normalizada".



Figura: Matérias Montessori didático

Fonte: Arquivos da internet



Figura: Matérias Montessori Vida Prática

Fonte: Arquivos da internet

3.3.5 Desenvolvimento integral

As práticas montessorianas colaboram decisivamente para o desenvolvimento integral da criança, reconhecendo a importância de suas dimensões cognitiva, afetiva, social, motora e espiritual como interligadas e interdependentes. Essa visão holística se afasta de modelos puramente academicistas, que priorizam apenas o intelecto.

No contexto da educação da primeira infância, Trindade (2011) destaca a abrangência do método:

O método Montessori reconhece a criança em suas dimensões cognitiva, afetiva, social e motora, propondo uma educação que respeita a singularidade de cada sujeito e visa a formação de um ser humano completo, preparado para a vida (Trindade, 2011, p. 77).

Essa perspectiva vai além da mera transmissão de conhecimentos, visando formar um ser humano apto para a "ajuda à vida" e para a construção de um futuro de paz social, como almejava Montessori. O foco no desenvolvimento motor, por exemplo, não é apenas físico, mas está diretamente ligado ao desenvolvimento da concentração e da vontade, através dos materiais de Vida Prática.

Essa visão holística da criança e de suas potencialidades encontra um forte paralelo nas teorias de Howard Gardner (1994) e sua proposta das múltiplas

inteligências. Gardner argumenta que a inteligência não é um fator unitário, mas sim um conjunto de diferentes talentos e habilidades (linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, etc.), e que a educação deve levar em conta essas múltiplas formas de inteligência para promover um desenvolvimento completo. "A inteligência não é uma entidade única, mas sim um pluralismo de faculdades, que chamo de 'inteligências', as quais são relativamente autônomas" (Gardner, 1994, p. 8).

A pedagogia Montessori, ao oferecer uma variedade rica e diversificada de materiais (sensoriais, de linguagem, matemática, cultura e vida prática)⁶, permite que a criança explore e desenvolva suas diferentes potencialidades de forma autônoma, escolhendo atividades que ressoam com suas inteligências dominantes. A abordagem montessoriana, que valoriza a autonomia, a liberdade de escolha e o trabalho individual, também favorece o desenvolvimento da auto expressão, da autoconfiança e da disciplina interior, aspectos cruciais para o desenvolvimento afetivo e social.

⁶ Materiais sensoriais: São materiais criados para refinar e organizar os sentidos: visão, tato, audição, olfato, paladar e preparar a mente da criança para habilidades cognitivas mais complexas (como matemática e linguagem).

Trazem graduações claras, contrastes, ordem, controle de erro e permitem que a criança discrimine qualidades do mundo real.

Ex: **Caixas de som:** pares de cilindros com sons correspondentes.

Materiais de Linguagem: São materiais que introduzem a linguagem de forma concreta e sensorial, permitindo que a criança escreva e leia pela experiência antes da abstração. Eles isolam dificuldades e avançam da oralidade à escrita e leitura progressivas.

Ex: Letras de Lixa: introduzem o traçado e o som das letras pelo tato.

Materiais de Matemática: Permitem à criança tocar, ver e manipular quantidades antes de trabalhar símbolos abstratos. A matemática Montessori vai do concreto ao abstrato de maneira gradual e lógica.

Ex: Barras Vermelhas e Azuis: introduzem o conceito de quantidade e sequência numérica.

Materiais de Cultura: Apresentam o mundo de forma concreta e explorável: natureza, povos, tempo, espaço, ciência, arte. Montessori chama essa área de Educação Cósmica, onde a criança descobre seu lugar no universo.

Ex;Quebra-cabeças de anatomia (folha, flor, peixe, inseto, etc.)

Materiais de Vida Prática: São atividades reais do cotidiano que desenvolvem independência, coordenação motora, concentração, autocuidado e cuidado com o ambiente. Têm significado funcional para a criança, permitindo que ela participe da vida real.

Ex: pentear, vestir despejar água, regar plantas

3.3.6 Motivação intrínseca

Destaca-se que a modernidade da pedagogia Montessori é a ênfase na motivação intrínseca como motor primordial do aprendizado. A disciplina e o foco não são impostos de fora, mas nascem da concentração profunda da criança em um trabalho que a interessa.

O aprendizado significativo, duradouro e com propósito (o que Montessori chamava de "trabalho") ocorre quando a criança encontra sentido e satisfação na atividade que realiza. A autonomia, a liberdade de escolha e o interesse genuíno da criança são, portanto, os pilares que sustentam a motivação intrínseca na sala de aula.

O pesquisador Angeline Lillard (2005), em seu estudo aprofundado sobre o método, reforça essa ideia ao afirmar que a pedagogia montessoriana sustenta práticas que despertam o prazer de aprender e a alegria de trabalhar, em vez de depender do sistema tradicional de recompensas, punições ou notas. Lillard argumenta que "O interesse é, portanto, o fator primário de aprendizado no método Montessori. As crianças trabalham por uma satisfação interna, e não por motivação externa" (Lillard, 2005, p. 57, tradução nossa).

Ao permitir que as crianças escolham suas atividades e sigam seus próprios interesses, promove o engajamento sustentado e a curiosidade inata, elementos essenciais para o aprendizado contínuo e a formação de aprendizes autônomos por toda a vida.

A ênfase na motivação intrínseca se alinha perfeitamente com as ideias de John Dewey (1938), expoente do movimento Escola Nova, para quem a educação deve ser relevante e significativa para a vida e a experiência da criança. Dewey argumenta que "Toda experiência genuína tem um aspecto ativo e um passivo; ela é feita tanto de fazer quanto de sofrer" (Dewey, 1938, p. 43).

O aprendizado, para Dewey, deve estar conectado aos interesses e às experiências concretas da criança (aprender fazendo). Dessa forma, a escola deve ser um lugar onde a criança se sinta naturalmente motivada e engajada, em um

processo que é, intrinsecamente, prazeroso, auto-corretivo e gerador de satisfação pessoal.

Essas contribuições não apenas influenciaram diversas práticas contemporâneas na Educação Infantil, como as abordagens de Reggio Emilia e as propostas de escolas inovadoras, mas também anteciparam princípios hoje formalmente garantidos em documentos como as DCNEI (Brasil, 2009) e a BNCC (Brasil, 2017), que preconizam a centralidade da criança, o direito de aprender por meio de experiências significativas e o papel ativo e mediador do professor no processo educativo.

4. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo central identificar e compreender os princípios que norteiam a pedagogia Montessoriana e suas contribuições para as práticas pedagógicas da Educação Infantil. Para alcançar tal propósito, foi empreendida uma pesquisa de natureza bibliográfica, qualitativa e descritiva, alicerçada nas obras clássicas de Maria Montessori e na análise de estudos contemporâneos que interpretam e atualizam sua proposta.

A metodologia adotada permitiu resgatar a complexidade do pensamento montessoriano, superando a redução do método a um simples conjunto de materiais didáticos e reafirmando sua dimensão filosófica e antropológica. A Pedagogia Montessoriana se consolidou como uma das propostas mais inovadoras do século XX por compreender a criança como um sujeito ativo, dotado de potencialidades que devem ser respeitadas e estimuladas em um ambiente educativo planejado.

Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que as contribuições de Maria Montessori se configuram como bases sólidas para uma educação de qualidade, mais humana e transformadora, especialmente no contexto da primeira infância. Os principais achados desta investigação confirmam a relevância dos princípios Montessorianos para o aprimoramento das práticas pedagógicas na Educação Infantil, destacando-se:

- O Protagonismo da Criança: A pedagogia Montessoriana estabelece que a criança é um sujeito ativo, protagonista de seu próprio desenvolvimento e construtora de si mesma por meio da interação com o mundo. Essa visão fomenta a autonomia e a independência, essenciais para a formação de sujeitos mais confiantes e responsáveis.

- O Ambiente como Recurso Pedagógico: A concepção de Ambiente Preparado transforma o espaço escolar em um "recurso pedagógico" e um "terceiro educador", que incentiva a exploração autônoma, a curiosidade e a liberdade com responsabilidade.

- A Aprendizagem Ativa e Sensorial: O método enfatiza a aprendizagem ativa ("aprende fazendo") e a ludicidade, utilizando materiais didáticos específicos que estimulam os sentidos e promovem a compreensão concreta de conceitos abstratos. O foco na motivação intrínseca garante que o aprendizado seja um ato prazeroso e significativo.

- A Reconfiguração do Papel do(a) Educador(a): O(a) professor(a) é redefinido como um "guia" e "observador atento", que intervém apenas quando necessário, atuando como mediador que cria as possibilidades para a produção do conhecimento.

Cabe também ressaltar que os princípios Montessorianos mantêm uma inquestionável atualidade frente às demandas da Educação Infantil no Brasil, e com os Documentos normativos, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) que ressaltam a criança como centro do planejamento e protagonista de seu processo de aprendizagem. Os direitos de aprendizagem estabelecidos pela BNCC – como conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se – estão também em plena sintonia com a filosofia Montessoriana de liberdade, autonomia e protagonismo infantil.

Assim como Paulo Freire, Montessori rejeita a lógica da “*educação bancária*”, na qual o professor deposita conhecimentos prontos em um aluno passivo. Para ambos, a aprendizagem nasce da ação, da participação e da construção ativa do

saber. Enquanto Freire enfatiza o diálogo como prática de liberdade, Montessori oferece às crianças condições materiais e ambientais para que elas possam agir sobre o mundo de forma significativa, tornando-se sujeitos do próprio processo de aprendizagem. Há também grande afinidade entre Montessori e Loris Malaguzzi, idealizador das escolas de Reggio Emilia. Ambos valorizam profundamente o ambiente como educador, entendendo-o como um espaço preparado que acolhe a curiosidade, a expressão e a alegria das descobertas. A noção de Malaguzzi dos “cem linguagens da criança” se aproxima da visão montessoriana de que o desenvolvimento infantil é plural, sensorial e marcado pela liberdade de explorar o mundo em múltiplas direções.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, Montessori dialoga com Jean Piaget, especialmente na ideia de que a criança constrói conhecimento por meio da interação ativa com o meio. Ambos reconhecem a importância das ações concretas, da manipulação e da experiência direta como bases para a formação das operações mentais. A diferença é que Montessori antecipou, na prática, muitos dos princípios que Piaget posteriormente descreveria teoricamente.

Com Froebel, precursor dos jardins de infância, Montessori compartilha a valorização do brincar significativo, da atividade espontânea e dos materiais que estimulam a criatividade e o pensamento lógico. Embora seus materiais tenham propósitos e métodos distintos, ambos acreditam que a criança aprende melhor quando utiliza objetos concretos que organizam e revelam o mundo ao seu redor.

Por fim, as ideias de Lev Vygotsky também encontram pontos de aproximação com Montessori. Ambos reconhecem a importância do ambiente e das interações sociais na aprendizagem. A noção vygotskiana de Zona de Desenvolvimento Proximal se conecta à função do “adulto preparado” no ambiente montessoriano: um mediador que oferece desafios adequados, demonstra sem interferir e retira-se para permitir que a criança avance por si mesma. Assim, tanto Montessori quanto Vygotsky consideram que o desenvolvimento ocorre na relação entre autonomia e apoio sensível.

Portanto, a investigação da pedagogia Montessoriana oferece subsídios teóricos e práticos para a reflexão sobre uma educação que não se limite à instrução

mecanizada, mas que contribua para a formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados. Assim, a metodologia é inclusiva e pode ser adaptada para diversas realidades e perfis de crianças, promovendo a equidade ao reconhecer as diferentes formas e ritmos de aprender de cada criança, e valorizando suas potencialidades (Coutinho, 2019).

Embora este trabalho tenha se restringido à pesquisa bibliográfica, ressalta-se o desejo, como desdobramento futuro, a realização de pesquisas empíricas em escolas de Educação Infantil brasileiras que adotam ou se inspiram no método Montessori. Tais estudos poderiam enriquecer a análise ao investigar o desenvolvimento e os desafios concretos de conciliar os princípios montessorianos com a realidade e a diversidade do contexto escolar público brasileiro, bem como a formação continuada dos educadores que buscam atuar como guias e arquitetos do aprendizado.

Assim, a obra de Maria Montessori permanece como um farol, oferecendo um caminho pedagógico que valoriza a individualidade, a liberdade e a responsabilidade, preparando a criança não apenas para a escola, mas para a vida e para um futuro promissor.

5. Referências

ALYRIO, Rovigati D. **Metodologia da pesquisa bibliográfica: elaboração e aplicação de instrumentos de coleta de dados**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

DEWEY, J. **Experience and Education**. Macmillan, 1938.

DUARTE, Maria Luiza. **O lúdico na educação infantil: fundamentos e práticas pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2014.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As Cem Linguagens da Criança: A Experiência de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FARIA, Ana Carolina Evangelista et al. **Aprender brincando: ludicidade e desenvolvimento infantil**. Recife: Editora Universitária, 2012.

FARIA, Ana Carolina Evangelista et al. **Método Montessori ano: A importância do ambiente e do Lúdico Educação Infantil**. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery. N. 12, Jan/Jun, 2012. Disponível em: <http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY2.pd>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1970.

FRÖBEL, F. **The Education of Man**, 1826.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A teoria das inteligências múltiplas. Artes Médicas**, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAMER, Rosilene. **Maria Montessori: uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

LILLARD, Angeline Stoll. **Montessori: a ciência por trás do gênio**. Porto Alegre: Penso, 2017.

LILLARD, Angeline Stoll. **Montessori: The Science Behind the Genius**. New York: Oxford University Press, 2005/2017.

LOPES, Renata; SILVA, Aline. **Pedagogia Montessoriana: fundamentos e práticas na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2019.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MELO, Luiz Gonzalo de. **Antropologia Cultural: iniciação teorias e temas**. 8. ed. São Paulo: Vozes, 2001.

MONTESORI, Maria. **A criança**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MONTESORI, Maria. **A descoberta da criança**. 4. ed. São Paulo: Flamboyant, 1965.

- MONTESSORI, Maria. **Educação para um mundo novo**. São Paulo: Flamboyant, 1947.
- MONTESSORI, Maria. **Educação para um mundo novo**. 3. ed. São Paulo: Editora Record, 2017.
- MONTESSORI, Maria. **A Criança: Segredo da Infância**. Flamboyant, 1989.
- MONTESSORI, Maria. **A mente absorvente**. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- MONTESSORI, Maria. **Educação para um novo mundo**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- MORENO, José. **Educação e cidadania: bases para uma prática inclusiva**. São Paulo: Cortez, 2016.
- NOGARO, Arnaldo; ANESE, Rosane A.; FERRARI, Rosane de Fátima. **A atualidade de Montessori: evidências a partir da investigação das práticas pedagógicas na educação infantil**. Vivências: Revista de Extensão da URI, Frederico Westphalen, v. 17, n. 32, p. 113–128, 2020.
- OLIVEIRA, Marta Regina Furian de et al. **Pedagogia Montessoriana e práticas de aprendizagem ativa na Educação Infantil**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1976.
- ROUSSEAU, J.-J. **Emile, or On Education**, 1762.
- STANDING, E. M. **Maria Montessori: Sua Vida e Obra**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- TRINDADE, R. (Org.). **Pedagogias da Infância**. São Paulo: Cortez, 2011.
- UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Maria Montessori: pensamento, metodologia e contribuições para a educação infantil**. Campus Santa Cruz, s/d.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. **Mind and Society: The Development of Higher Mental Processes**. Harvard University Press, 1978.